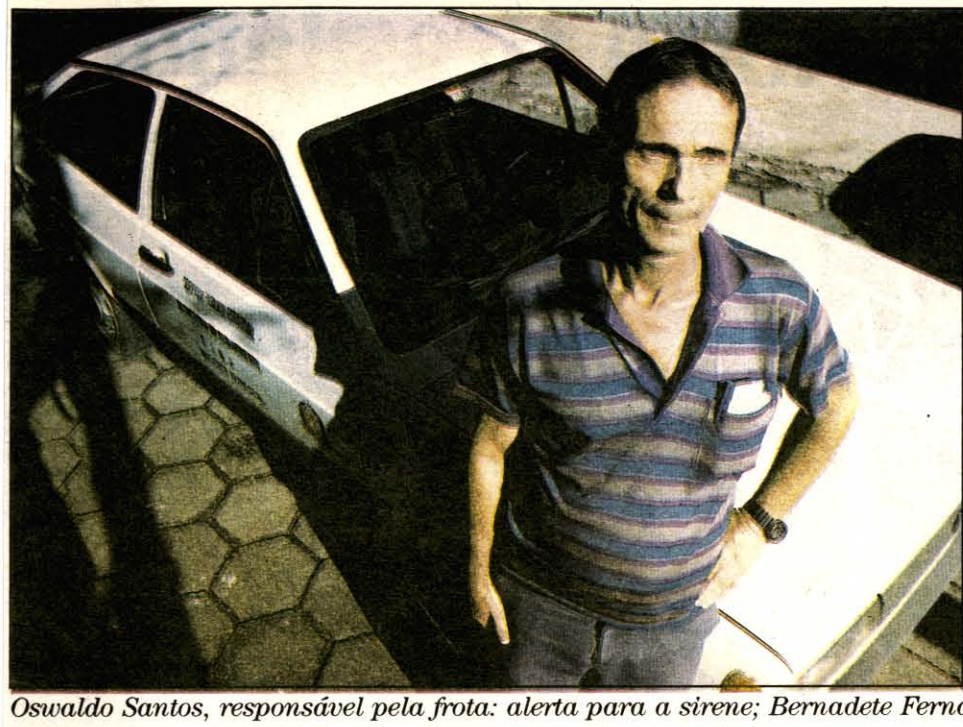
Acervo ISA

Instituto Socioambiental

fonte: O ESP class.: I/RUBRICA

data: 27/3/95 pg.: 74 e 75

Fotos Denise Adams/AE



Oswaldo Santos, responsável pela frota: alerta para a sirene; Bernadete Fernandes e o marido, Evaldo, moram na vila dos funcionários, cercados pelo verde

Instituto Florestal defende a flora em SP

Localizado no Horto Florestal, órgão cuida da preservação em 108 municípios do Estado

FRANCES JONES
Especial para o SeuBairro

Um órgão público voltado para a natureza não poderia ficar em outro lugar. Muitos gramados, um prédio central, que mais parece um palácio, e Mata Atlântica. No meio deste cenário está a sede do Instituto Florestal (IF), dentro do Horto Florestal.

Lá trabalha parte dos cerca de 2,2 mil funcionários do IF, ligado à Secretaria Estadual do Meio Ambiente, responsável pela administração de 3% da área verde do Estado de São Paulo, que compreende 851 mil hectares.

O silêncio só é interrompido pelo barulho do "verdão", o ônibus que leva e traz os funcionários para o instituto.

O território de atuação do IF é dividido em 86 unidades, compostas por parques, reservas, estações ecológicas, estações experimentais, viveiros e florestas espalhados por todo Estado e administrados a partir da Zona Norte da cidade, desde 1886.

Em São Paulo, há duas vilas para os funcionários dentro do Instituto. "É o lugar ideal para se morar", revela Oswaldo dos Santos, responsável pela frota de veículos. "As poucas vezes que vou à cidade volto com a vista ardendo", conta. Ar puro e segurança. Essas são as vantagens de se morar dentro do IF para Bernadete Fernandes, que vive com o marido, Evaldo Fernandes, funcionário da seção de comunicação, numa das casas.

"Só que meu marido trabalha muito fora de hora", queixa-se Bernadete. De 1º de junho a 31 de outubro, é feito o "plantão matafogo", contam os moradores. "A gente fica alerta", diz Oswaldo dos Santos. "Quando toca a sirene, a gente tem de sair para apagar incêndios."

E este socorro pode ocorrer tanto na área da cidade de São Paulo, quanto nos limites do Estado. O Parques da Cantareira, Adolfo Loefgren (Horto Florestal) e Jaraguá, na Capital, são administrados pelo IF. Fora da cidade, as áreas de atuação do IF vão do extremo Norte — na Estação Ecológica Paulo de Faria, próxima ao Rio Grande, na divisa com Mato Grosso do Sul — ao extremo Sul, com o Parque Estadual da Ilha do Cardoso, perto da fronteira com o Paraná. E de Leste — no Parque Estadual Morro do Diabo, na região do Rio Paranapanema — a Oeste — na Estação Ecológica do Bananal, na Serra do Mar, divisa com o Rio. No total, a área controlada pelo IF abrange 108 municípios.

PLANTÃO PARA APAGAR FOGO NO MATO

Mas não só de plantões vivem os funcionários. Trabalhando há 25 anos no instituto, Santos afirma que só não conhece duas do total das unidades do órgão. "Todo ano faço levantamento da frota em todos as unidades", diz. Na sua opinião, a mais bonita é o Parque Estadual do Alto da Ribeira, nos municípios de Apiaí e Iporanga, no Sul do Estado. "Lá a natureza parece que é mais conservada."

Dalmo Vilar, do Museu Otávio Vecchi: acervo de madeiras

Vídeos institucionais — Para sistematizar e disseminar as informações ambientais sobre toda essa área, o Instituto Florestal mantém o Serviço de Comunicações Técnicas e Científicas (SCTC). "Nossa meta é produzir muita informação para técnicos, estudantes, jornalistas, entre outros interessados", diz o coordenador do Centro de Comunicação Audiovisual (CECAV), José Dias Pascoal Neto. Um projeto que já está em andamento é a formação de um banco de imagens ambientais, em parceria com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que deverá catalogar as espécies vegetais e animais remanescentes no Estado. "A idéia é que as pessoas possam comprar as imagens que quiserem", informa Pascoal Neto.

Além disso, o SCTC está montando um banco de dados com informações sobre o instituto e sua área, divulga em folders, cartazes, folhetos e revistas as suas atividades, tem uma biblioteca, e é responsável pelo treinamento e capacitação de funcionários — de guardas a engenheiros.

Museu de madeira — Um projeto próprio do SCTC é o Museu Florestal Otávio Vecchi, que no Horto Florestal. "É um dos maiores acervos de madeira do Brasil", diz Pascoal Neto. Na entrada, um marco aponta o local por onde passa o Trópico de Capricórnio. Atualmente fechado para reformas, o museu (inaugurado em setembro de 1931) tem o soalho e o forro feito com madeiras nobres trabalhadas. Antes de entrar, os visitantes têm de calçar pantufas, para evitar desgaste do piso.

No acervo permanente do museu há móveis e materiais trabalhados nos diversos tipos de madeira. Um mostruário com 87 peças de madeiras diferentes revela a riqueza da flora brasileira. Em cada peça há um entalhe mostrando a flor e a semente da árvore cuja madeira foi trabalhada.

No andar térreo da casa onde o funciona o museu há um espaço cultural aberto para exposições com temas ecológicos, aberta a artistas da região. "A próxima está programada para ocorrer em abril, com parte do acervo permanente do museu", conta Dalmo Vilar, chefe do museu. "O museu mesmo só deve reabrir em setembro", adianta.

Acervo ISA

Instituto Socioambiental

fonte: O ESP class.: 13

data: 27/3/95 pg.: CONT.

Fotos Denise Adams/AE

Viveiro: cerca de 100 espécies de vegetação nativa e exótica

Reservas da Biosfera: entidade ecológica da Unesco ficou mais conhecida depois da Rio 92

Unesco tem ramificação no local

A sede brasileira da Reservas da Biosfera coordena novo projeto de preservação

Logo na entrada do Instituto Florestal, pela Avenida Santa Inês, uma casa de pinus chama a atenção. Neste lugar funciona desde outubro de 1993 a sede das Reservas da Biosfera do Brasil, que integra o programa *Man and the Biosfhere* — O Homem e a Biosfera — (MAB), criado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) em 1971.

"No Brasil, as reservas da biosfera entraram na cola da Rio 92", conta a técnica Júlia Meirelles, referindo-se à maior divulgação da entidade, depois da realização da Conferência Mundial para o Desenvolvimento e Meio Ambiente, realizada no Rio. "Depois disso que o projeto começou a se efetivar no Brasil." Segundo explicou, as Reservas da Biosfera são o resultado da soma de esforços da sociedade civil e o Estado.

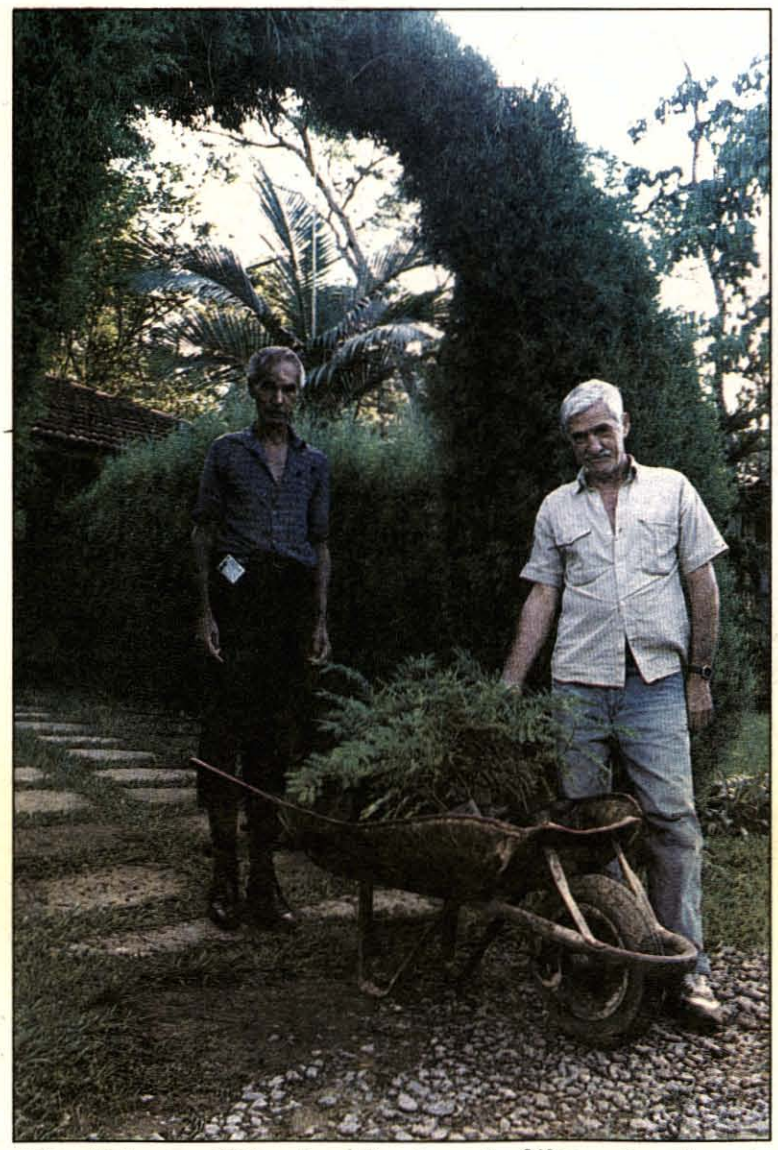
Júlia e os engenheiros agrônomos Maurício de Carvalho Amazonas e Marc Etienne Montrigaud fazem parte do grupo de pessoas que estão montando a estrutura que pretende construir "corredores biológicos" no País, unindo várias áreas de preservação. No Brasil, são três as Reservas da Biosfera: da Mata Atlântica, do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, e a do Cerrado, no Centro-Oeste do País.

Os técnicos explicam que o gerenciamento das Reservas da Biosfera é feito a partir da divisão da área em três categorias: zona núcleo ou zona principal, que, em São Paulo consiste nas unidades do Instituto Florestal; zona tampão ou intermediária (que estão ao redor do núcleo); e a zona de transição (a área externa da reserva). Nas zonas tampão e de transição, há áreas reservadas para pesquisa e experimentos que visam ao melhoramento da flora.

OBJETIVO É CUIDAR DA FLORA NACIONAL

Conferência — Na semana retrasada, Júlia, Amazonas e Montrigaud finalizavam os preparativos para a Conferência Internacional sobre as Reservas da Biosfera, realizada em Sevilha, na Espanha. Representando as reservas do Estado de São Paulo foi o diretor-geral do Instituto Florestal, Clayton Ferreira Lima. "Vamos fazer um balanço de todas as reservas", disse Lima, um dia antes de embarcar.

Ferreira Lima, que assumiu a diretoria em janeiro e deve ficar por quatro anos no cargo, também afirmou que entre as prioridades de sua gestão à frente do Instituto está a integração do trabalho da instituição com a sociedade. "O IF produz muita coisa, mas é pouco conhecido pela população", comentou. "Queremos abrir o instituto para desenvolver projetos em parceria com a iniciativa privada", antecipou Ferreira Lima **(F.J.)**



Júlio Teixeira (D) e José Teodoro da Silva: atendimento

Viveiro cultiva e vende mudas

Uma das áreas da sede do Instituto Florestal abertas ao público é o viveiro. Neste lugar, podem ser encontradas mudas de cerca de 100 espécies de plantas, tanto nativas como exóticas. Parte é encaminhada pelas unidades no Interior, segundo informou o pesquisador Guenji Yamazoe.

Mudas de hibisco, pitangueira, jequitibá branco podem ser compradas por R$ 0,40 a R$ 0,70. Mudas de eucalipto e pinus podem ser adquiridas por R$ 0,15. "A produção agora está mais voltada para as espécies nativas, para a recuperação da Mata Atlântica", diz Yamazoe.

De acordo com o pesquisador, o viveiro é muito procurado por sitiantes que fizeram desmatamento ilegal e agora precisam recompor a mata. "Mas também atendemos pessoas que querem montar um jardim, por exemplo", completa. Sobre o setor de sementes, Yamazoe conta que as pesquisas do Instituto avançaram muito. "Aqui já não se fala mais em importação."

Os funcionários Júlio Teixeira e José Teodoro da Silva, moradores da Vila Amália, na Zona Norte, trabalham no viveiro. Eles fazem o atendimento ao público. "Trabalho há 45 anos no Instituto", contou Teixeira. "Passa o tempo que a gente nem vê", disse Silva. **(F.J.)**

■ **Viveiro do Instituto Florestal — Entrada pela Rua Luís Carlos de Laet, 500. Telefone: 952-8555, ramal 295. Aberto de segunda a sexta, das 8 às 11h30 e das 13h30 às 16 horas.**